

# EXPERIÊNCIA ESTÉTICA E POSSIBILIDADES PARA FORMAÇÃO DOCENTE EM ARTES VISUAIS

*AESTHETIC EXPERIENCE AND POSSIBILITIES OF  
TEACHERS' FORMATION IN VISUAL ARTS*

*Raquel Casanova dos Santos Wrege<sup>1</sup>  
Ursula Rosa da Silva<sup>2</sup>*

**RESUMO:** O presente artigo aborda a formação docente em Artes Visuais, considerando a experiência estética propiciada nesta formação. Entende-se aqui a experiência estética como modo de dar significado ao mundo, envolvendo repertório e vivências sócio-artístico-culturais dos sujeitos no mundo. Busca-se compreender a ideia de formação de um docente que possa tornar-se simultaneamente artista, professor/mediador e fruidor, dando ênfase às diferentes relações que se tem com a experiência estética. O texto faz parte de uma pesquisa de mestrado, que teve como base um trabalho de conclusão de curso feito em 2015, que apresenta uma análise sobre a concepção de formação e de experiência estética, obtida com alunos do Curso de Licenciatura em Artes Visuais, da UFPel. O estudo tem como aporte teórico principal a fenomenologia de Merleau-Ponty (1990; 2006).

**PALAVRAS-CHAVE:** Formação docente; experiência estética; Artes Visuais.

**ABSTRACT:** *This article deals with teacher training in Visual Arts, considering the aesthetic experience provided in this training. It is understood here the aesthetic experience as a way of giving meaning to the world, involving repertoire and socio-artistic-cultural experiences of the subjects in the world. It seeks to understand the idea of training a teacher who can become simultaneously artist, teacher / mediator and enjoyer, emphasizing the different relationships that one has with aesthetic experience. The text is part of a masters study, which was based on a work of conclusion of course made in 2015, which presents an analysis on the conception of training and aesthetic experience, obtained with students of the Degree in Visual Arts, UFPel. The study has as main theoretical contribution the phenomenology of Merleau-Ponty (1990, 2006).*

**KEYWORDS:** *Teacher training; aesthetic experience; Visual arts.*

“(...) somos nossas decisões. Somos o que aprendemos e o que ensinamos. Somos a impossível possibilidade de voos.” (PERISSÉ, 2009, p. 96).

---

1 Raquel Casanova dos Santos Wrege: Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da Universidade Federal de Pelotas na linha de pesquisa Ensino da Arte e Educação Estética. raquel.wrege@hotmail.com

2 Ursula Rosa da Silva: Doutora em Educação (UFPel/2009); Doutora em História (PUC-RS/2002). É líder do NEAP (Núcleo de Estudos em Arte e Patrimônio) junto ao CNPq, e é diretora do Centro de Artes da UFPel desde 2013. ursularsilva@gmail.com

O presente artigo parte de uma pesquisa maior sobre o Ensino da Arte, cujo principal objetivo é refletir sobre a experiência estética na formação do professor de Artes Visuais durante a graduação. Desse modo, desenvolve-se uma possibilidade de tratar da experiência estética levando em conta a construção de um perfil curricular e pedagógico integrado a partir de três aspectos que se apresentam como: a criação, a fruição e os modos de possibilitar/propor a experiência estética<sup>3</sup>. Para este estudo, tem-se como aporte teórico a fenomenologia da percepção de Merleau-Ponty (2006), bem como as discussões sobre o conceito de experiência em Jorge Larrosa Bondía (2004). Compreende-se que a experiência estética é a forma de atribuir significado ao mundo, envolvendo o repertório e vivências do sujeito. A pergunta que motivou o estudo deste tema foi: como tratar a experiência estética numa formação integral do licenciado em Artes Visuais enquanto: artista, fruidor e professor/mediador?

#### A EXPERIÊNCIA ESTÉTICA NA FORMAÇÃO DOCENTE EM ARTES VISUAIS

O termo *estética* tem sua origem na etimologia clássica grega (séc. VI a. C.), deriva de *aesthesis*, cujo significado é possibilidade de conhecimento sensível ou dos fatos e objetos sensíveis (SILVA, 2014). O uso da palavra estética foi retomado, ligado à filosofia da arte, no século XVIII, primeiramente com Baumgarten, depois Kant vai valorizar a faculdade do conhecimento sensível como sendo tão importante quanto à razão, em sua obra “Crítica da Faculdade do Juízo” (1790). A experiência estética, no ensino de Arte, está para além da estética (enquanto conhecimento sensível), pois envolve um modo de vivência transformador da visão de mundo do professor em formação de maneira que esta percepção se torne influenciadora de sua prática docente.

Trabalhar com a conceituação de experiência estética na constituição desse docente artista, mediador e fruidor implica compreender as especificidades de um período e seu pensamento sobre a formação do licenciado em Artes Visuais. Além disso, observar que o processo de criação artística, objeto de Arte, conceitos de Arte, elementos vinculados à apreciação, produção artística e educação estética

---

3 Este texto não pretende desenvolver os aspectos do docente artista, fruidor e mediador sob o conceito atualmente utilizado de A/R/Tografia, como metodologia de pesquisa e de atuação nas artes, nem articular neste momento a abordagem triangular apresentada por Ana Mae Barbosa, nos anos 1980, em que considera que o conteúdo de ensino das artes visuais na escola precisa envolver o fazer artístico, a fruição (ligada à leitura da imagem) e a contextualização histórica da arte.

relacionados nesta pesquisa possuem diversidades no contexto histórico-cultural como o que vivemos na contemporaneidade.

As vivências pelas quais o graduando de licenciatura passa, em sua formação, marcam o modo como ele vai conceber o papel do professor na sala de aula. Quais as respostas que este futuro docente terá para estas perguntas: Como compreende o ser professor? O professor se conceberá como um propositor de experiência estética e gerador de oportunidades de mudança de percepção do mundo? A pesquisa realizada em 2015, por meio de análise do Projeto Pedagógico do Curso de Artes Visuais Licenciatura e de entrevistas com acadêmicos e professores, chegou à conclusão que os graduandos não compreendem o todo que envolve a experiência estética e qual o real significado desta para a sua formação como docente.

A partir dos resultados apresentados nesta pesquisa anterior, torna-se necessário aprofundar o modo como se compreende esse conceito relativo a formação, considerando a possibilidade de articular três aspectos presentes na graduação do licenciado em Artes Visuais: a fruição, o fazer artístico e a mediação docente. É possível observar em uma análise mais geral que o curso de Artes Visuais da UFPel tem privilegiado a experiência estética articulada nestes três aspectos.

Através da experiência estética que a formação se dá entremeada por diferentes momentos em que podemos ser artistas criadores de uma poética própria ou mesmo quando nos assumimos professores/mediadores. Nesses momentos, também podemos nos compreender como artistas em potencial, durante o processo de criação de uma aula ou mediação artística. Salienta-se que, por meio desta interpretação da formação, cada um dos aspectos não é encerrado em si mesmo, mas estão interligados por meio de uma compreensão maior, que é a da experiência estética. Trata-se de uma reflexão sobre esses papéis, desenvolvidos conjuntamente ou de modo isolado, buscando na fenomenologia de Merleau-Ponty (1990; 2006) o conceito de intencionalidade estética como um estado de abertura do sujeito para que se efetive a experiência.

A experiência estética proporciona que se possa observar o mundo de forma desperta e curiosa, instigando os sentidos e buscando articular formas, materiais, conteúdos com ideias sobre as mais diversas temáticas. Quando se transforma esse processo individual de percepção do mundo em outra forma, expondo o pensamento, para que se provoque no outro sujeito a experiência estética, inicia-se um processo de criação. Tanto o artista quanto o professor/mediador podem propor novas articulações entre ideia e matéria artística, gerar inquietações no fruidor, estimular o pensar sobre o mundo, sobre a Arte e os mais diversos assuntos, estimular a repensar, ativar sentimentos, memórias, repertórios, contrastar ideais.

Quando somos fruidores ao assistir às aulas, ao visitar galerias e espaços expositivos, ao conhecer artistas, ao ver trabalhos de outros colegas, ao nos relacionarmos com as coisas ao redor, estamos ativando processos subjetivos por meio da Arte. A percepção para o mundo também desperta poder transformar modos de olhar, sentir, viver no mundo, maneiras de pensar a Arte; mudar até mesmo o ser e nele construir um repertório de vivências que a experiência estética pode oferecer.

Todo esse pensar sobre a formação parte do viés da intencionalidade estética, abordado por Merleau-Ponty (1990), como sendo um estado de abertura do sujeito para o mundo, para o outro, para mundos imaginários. A intencionalidade permite que o sujeito retorne a si modificado pela experiência.

Dizendo que essa intencionalidade não é um pensamento, queremos dizer que ela não se efetua na transparência de uma consciência, e que ela toma por adquirido todo o saber latente que meu corpo tem de si mesmo. (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 312)

Larrosa (2004) explora os diferentes significados para a palavra que surge dessa relação de experiência como algo que envolve uma abertura, uma disposição do sujeito de se colocar em estado de suscetibilidade para aquilo que o cerca. Para Larrosa, “a experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca” (2004, p.21). Ainda em se tratando do ato de “abertura”, Pereira (2012), por sua vez, nos diz que:

A atitude estética é uma atitude *desinteressada*, é uma abertura, uma disponibilidade não tanto para a coisa ou o acontecimento “em si”, naquilo que ele tem de consistência, mas para os efeitos que ele produz em mim, na minha percepção, no meu sentimento. (...) A atitude estética, então, diz respeito à abertura que o sujeito tem ante o mundo. Essa atitude não se caracteriza por uma posição passiva *nem* ativa diante do objeto ou do acontecimento, mas por uma *disponibilidade* que o sujeito tem. Não se trata de procurar submeter o objeto ou o acontecimento a certo esquema explicativo que poderia produzir um conceito, um juízo, uma definição ou uma ideia *nem* submeter-se a uma suposta essência ou fundamento que estivesse contida no objeto ou no acontecimento. Somos seres *de encontro*. (PEREIRA, 2012, p.186)

É este encontro que gera algo novo, o que poderíamos dizer que também mobiliza para o ato de criar. Por isso, a experiência estética estaria diretamente relacionada à criação, como afirma Pereira (2012, p.186-187). E quando esta transformação em algo novo acontece, a experiência efetivamente acontece.

A formação do sujeito fruidor consiste em explorar diferentes maneiras de compreender a experiência estética, possibilitando uma abertura à diversidade de sentidos do mundo (ou seja, de *formas de sentir* a realidade). Ampliar o repertório cultural, ampliar o repertório de experiências representa, assim, uma ampliação da capacidade de os

sujeitos orientarem sua percepção e compreensão ante as infinitas possibilidades da existência (PEREIRA, 2012, p.191).

Mas o que gera na experiência uma qualidade estética? Para Dewey, a experiência passa ao caráter estético quando a vivemos de maneira integral, de modo que “ação, sentimento e significação são uma só coisa” (1949, p.16). É essa intenção de abertura do sujeito para o mundo ao seu redor, em um estado de percepção, que encontramos no pensamento de Merleau-Ponty (1990). A percepção estética implica essa entrega do sujeito para um mundo sensível, não simplesmente para decifrá-lo, mas especialmente para expressá-lo. É uma percepção criadora, porque se dá mediada pela imaginação e por uma racionalidade sensível (SILVA, 2011). Pois, é através da imaginação que esse sujeito se liga ao percebido e pode separar o que percebe do seu contexto natural para ir a um novo horizonte, o interior. A natureza da percepção permite uma expansão do sujeito.

Durante este período de formação no curso superior de Artes Visuais, os acadêmicos têm diferentes contatos com a Arte, diversas possibilidades de experiência estética. Essas experiências acabam por influenciar, direta ou indiretamente, a forma como se relacionam consigo mesmos, ou mesmo ampliar a rede de compreensão daquilo que está no seu entorno. Como explica Nadja Hermann:

A experiência estética – na medida em que abala nossas convicções comuns e suspende a normalidade das certezas justificadas – é reivindicada para uma ampliação da compreensão ética de educação [...] Tais experiências de liberação da subjetividade cumprem um papel formativo do eu. (HERMANN, 2010, p.17)

Acreditamos que é por meio da percepção e da expressividade que se atribui significados ao mundo, sendo assim as experiências estéticas são engendradoras de repertório ou mesmo transformadoras da subjetividade do futuro professor de Artes Visuais. Merleau-Ponty, com sua metodologia, propõe superar os dualismos da tradição filosófica, promovidos desde o pensamento filosófico de Platão e que segue nos valores da modernidade com Descartes:

Por meio da linguagem do corpo próprio, da intencionalidade do ser no mundo; da gestualidade e da corporeidade de uma consciência encarnada que está mergulhada no mundo e é feita da mesma carne que este mundo, Merleau-Ponty supera a tradição e funda as bases de uma filosofia pós-moderna. (SILVA, 2011, p.34)

Merleau-Ponty, em seus estudos, aponta para uma racionalidade estética, ou seja, não é a racionalidade “(...) da modernidade nem da tradição filosófica ocidental, embasada nos critérios de clareza, exatidão, objetividade. Ele concebe uma racionalidade que englobe esta vida, esta experiência perceptiva.” (SILVA, 2011,

p.36). Desse modo, o sujeito apreende o mundo tanto pelo sensível quanto pelo racional, não há aspecto dualista e sim uma visão mais ampliada do todo, uma racionalidade estética. A visão fenomenológica de Merleau-Ponty parte da percepção do sujeito em relação com o mundo ao seu redor. De acordo com Meira (2010), no livro *Arte, afeto e educação: a sensibilidade na ação pedagógica*, o aspecto estético é a possibilidade de pensar e perceber, o que qualifica a experiência do humano. A percepção do mundo, da cultura e da arte, compreendida como experiência estética, encontra-se aprofundada na fenomenologia e mais especificamente nos estudos de Maurice Merleau-Ponty:

A experiência da percepção nos põe em presença no momento em que se constituem para nós as coisas, [...] a percepção nos dá um logos em estado nascente, [...] ela nos recorda as tarefas do conhecimento e da ação. Não se trata de reduzir o saber humano ao sentir, mas de assistir ao nascimento desse saber, de nos torná-lo tão sensível quanto o sensível [...] (MERLEAU-PONTY, 1990, p.63).

O saber gerado pela experiência da percepção surge por meio da relação entre o corpo-sujeito e o mundo, e os outros. O indivíduo envolvido na experiência estética tem seu corpo compreendido tanto como sujeito quanto objeto, mas essa relação só ocorre por meio da intencionalidade estética. É preciso haver a abertura do sujeito, seja no ato de criar, mediar ou fruir, para que se constitua o sentido estético. Assim, não existe a separação dicotômica de sujeito-objeto, pois na percepção estética se estabelece uma relação de alteridade, de troca constante: “O espectador não é somente a testemunha que consagra a obra, ele é, à sua maneira, o executante que a realiza; o objeto estético tem necessidade do espectador para aparecer” (DUFRENNE, 2008, p. 82). Merleau-Ponty (1990) aborda em seus estudos esse ser ambíguo, reversível, por meio da concepção de corpo-próprio, que pode, ao mesmo tempo, ver e ser visto, tocar e ser tocado. Para ele, a primeira relação que temos com o mundo se dá por meio da percepção, pela forma do sujeito ver o mundo com todo seu corpo, para depois ser construída uma ideia ou representação.

O corpo para a fenomenologia é o meio a partir do qual o sujeito se situa no mundo. O artista está no mundo corporalmente e as percepções sensíveis que tem do mesmo emergem e se refletem na sua criação. A visão do processo criativo do artista aqui é compreendida nessa relação de perceber e de ser percebido. Segundo Merleau-Ponty (1990), o artista não representa o mundo como mimese da realidade, pois, pela percepção, o mundo “passa” por seu corpo e o sujeito o expressa por sua criatividade. Portanto, a criação artística parte de uma experiência estética de transformação daquilo que o sujeito percebe. Essa percepção estética é constituinte do processo de criação. E como também Gabriel Perissé afirma:

O artista olha as palavras, as cores, ouve alguns sons, ou a sua própria voz, toca algum tipo de material, ou “executa” o seu próprio corpo [...] O artista torna manifesto algo que estava e não estava ali. Ou algo que outras pessoas não viram que já estava ali. (PERISSÉ, 2009, p.31)

Do mesmo modo, Merleau-Ponty, em “O olho e o espírito” (1989), nos explica como se dá o desenvolvimento da percepção do artista, a partir de reflexões sobre o ato de pintar de Cézanne. Para o filósofo, o olhar do artista sobre o mundo está relacionado à intencionalidade estética, e parte de um constante e infindável exercício para poder perceber o seu redor. É este sentido de possibilidade infinita de ver, perceber e expressar o mundo na arte que se torna um exemplo de como Merleau-Ponty concebe a fenomenologia. A própria subjetividade do sujeito que cria é intrínseca à sua percepção de mundo.

Como nos diz Merleau-Ponty: “o olho vê o mundo, e o que falta ao mundo para ser quadro, e o que falta ao quadro para se ele mesmo, e na palheta, a cor que o quadro aguarda; e, uma vez feito, vê o quadro que responde a todas essas faltas [...]”. (MERLEAU-PONTY, 1989, p.280)

De modo semelhante, entramos na análise da experiência estética pelo viés da fruição. Neste aspecto, é preciso considerar a intencionalidade estética que possibilita ao fruidor emergir na experiência estética para lhe captar um sentido e se reencontrar modificado. A escolha pela definição de sujeito fruidor se dá porque se compreende aqui que esta relação com o mundo não é apenas de observador, no sentido único do estímulo visual, mas sim de uma incorporação da relação entre vida e arte. Um exemplo desta aproximação podemos ver na obra de Oiticica, em que há total envolvimento do espectador para dar vida à obra: “a ação é pura manifestação expressiva da obra” (1986, p. 70). Assim, o fruidor é um termo que significa uma mudança considerável da atitude do sujeito e sua relação com a obra de arte no decorrer da história. A mudança proposta pelos artistas que refletiam sobre a nova arte brasileira nos anos 1960 fazia parte da denominada Nova Objetividade. Essa perspectiva inovadora no campo da arte apresentava uma superação do cavalete e do quadro, gerava uma participação do público por meio de relações sensoriais com a obra. A arte propositiva permitia que o espectador de imagens, antes mero observador, pudesse agora entrar na obra, fazer a obra através de sua ação, tocar, interagir, caminhar no interior como no caso de “Tropicália”, em que Oiticica cria ambientes sensórios, os penetráveis, para o público interagir. O fruidor passa a se integrar na obra para formá-la. Compreende-se melhor este pensamento por meio dos escritos do artista sobre seus trabalhos: neste trecho ele explica a concepção que perpassa a ideia de observador/fruidor, fazendo com que o sujeito deixe de ser passivo:

O que se propõe é uma proposição participativa do espectador no processo. O indivíduo é que apreende da obra seus significados, e isso se chama Obra Aberta. Não compete ao artista tratar modificações no campo estético como se fora este uma segunda natureza, um objeto em si, mas sim procurar, pela participação total, erguer os alicerces de uma totalidade cultural, operando transformações profundas na consciência do homem que de espectador passivo dos acontecimentos passaria a agir sobre eles usando meios que lhe coubessem: a revolta, o protesto, o trabalho construtivo para atingir essa transformação, etc. (GULLAR *apud* OITICICA, 1986, p. 95).

É importante salientar que tanto na concepção de um fruidor quanto na de observador, a experiência estética só é possível tendo como fonte a intencionalidade estética, enquanto movimento do docente que se volta para o mundo e busca algo novo, ou algo que permita criar o novo. Merleau-Ponty (1990) aponta para o espectador também como criador, pelo fato de que na visualidade há uma série de processos de percepção que levam a uma posição ativa perante o objeto estético. É possível aliar a ideia de intencionalidade estética com a própria relação que leva o fruidor a mergulhar na experiência estética para lhe captar um sentido e se reencontrar posteriormente modificado. O que se percebe é que há uma diferenciação quanto às duas formas aqui trabalhadas dessa relação do público com a arte. A obra de arte contemporânea proporciona a efetiva participação do público e muitas vezes em ações propositivas nas quais a arte não se dá mais pelo objeto. Considera-se o fruidor articulado como concebe Umberto Eco:

Aqui, é preciso eliminar desde já a possibilidade de equívoco: evidentemente, a operação prática do intérprete enquanto “executante” (...) difere da de um intérprete enquanto fruidor (...). Contudo, para os propósitos da análise estética, cumprem encerrar ambos os casos como manifestações diversas de uma mesma atitude interpretativa: cada “leitura”, “contemplação”, “gozo” de uma obra de arte representam uma forma, ainda mais calada e particular, de “execução”. A noção de processo interpretativo abrange todas essas atitudes. (...). Naturalmente poderá dar-se o caso de obras que se apresentam “abertas” ao executante (...) e serão restituídas ao público como resultado já unívoco de uma seleção definitiva; em outros casos, apesar da escolha do executante, pode permanecer a possibilidade de uma escolha subsequente a que o público é convidado. (ECO, 2005, p. 39)

O sujeito fruidor percebe a realidade, mas também a compreende com uma constante criação de significados do mundo. A experiência estética parte da relação que permite ao fruidor também ser um criador em potencial. Mas a experiência só acontece de fato quando há intencionalidade.

Essa experiência estética do público com a obra está determinada por contextos específicos de criação de cada obra. São formas diferentes do público se relacionar com a arte, mas que são próprias em cada momento da História da Arte. Por meio

da experiência estética, o sujeito começa a desenvolver uma nova visão diante do real, a sensibilização, a imaginação, a redescoberta de significados são parte dessa relação ambígua do corpo-próprio. Segundo Merleau-Ponty, a percepção estética do sujeito se dá pela ação do corpo, “[...] a experiência de minha carne como canga de minha percepção ensinou-me que a percepção não nasce em qualquer outro lugar, mas emerge no recesso de um corpo.” (MERLEAU-PONTY, 1992, p.21). O sujeito fruidor percebe a realidade, mas também a compreende com uma constante criação de significados do mundo. A importância da experiência na aprendizagem ou mesmo na compreensão da arte existe quando há uma necessidade além da mera busca por informações ou conceituação. Essa experiência ocorre quando se lança uma luz insistente e perturbadora sobre a experiência comum e é preciso que o sujeito lhe dê uma moradia local e um nome, que mude as sensações em intuição, que reconheça e situe no ser um estado de compreensão. O sujeito mediador/professor é compreendido como aquele que provoca no sujeito fruidor a experiência estética.

O mediador/professor gera estímulos, apresenta questionamentos, faz surgir o repertório de vivências que o outro sujeito possui, ele faz a mediação da imersão do outro em uma experiência estética. Esse provocador da experiência é responsável por despertar, nos sujeitos fruidores, sentidos críticos e disponíveis em relação ao que vivenciam. O provocador participa ativamente no processo de experiência estética, pois ele possibilita reflexões, questionamentos ou mesmo a própria situação de diálogo com o fruidor e a obra (pensamento do artista), reflexões sobre o mundo. Cabe ao mediador/professor que tenha fluidez plena de sua própria experiência estética para poder despertar no outro essa percepção mais aguçada. O provocador não está em busca de respostas únicas para si e nem para o outro que é mediado, ele está sempre repensando interpretações e percepções acerca daquilo com que pretende se relacionar esteticamente. O mediador/professor que provoca a experiência estética é o oposto da concepção de um professor que atuará como guia do fruidor para uma leitura. Ele poderá potencializar no outro sujeito um processo de criação, gerar uma abertura para novas ideias, percepções, significados. O mediador/professor é aquele que oportuniza uma experiência estética para o fruidor, seja na sala de aula, em um espaço educativo de museu, seja fora dessas instituições.

## REFLEXÕES SOBRE A POSSIBILIDADE DE FORMAÇÃO INTEGRADA

Nesta pesquisa, destaca-se a possibilidade de uma visão mais ampla do licenciado em Artes Visuais, que envolva os aspectos da experiência estética no ato de criar, provocar e fruir. Pensa-se um sujeito e sua formação mais abrangente, uma visão

mais holística proporcionada pela experiência estética. Na arte contemporânea, ser artista, ser professor/mediador e ser fruidor são papéis, muitas vezes, indissociáveis, inerentes a esta atuação. Como, por exemplo, um artista propositor que leva o público a vivenciar a experiência de criar e, assim, mescla-se os limites de autoria da obra. O artista que é o próprio provocador da experiência estética ou mesmo o mediador/professor que se percebe artista no acontecimento da mediação. Não há porque limitar-se a uma visão segmentada da experiência estética. Quanto a esta relação ambígua entre quem frui e quem cria arte, muitos artistas foram incentivadores da arte propositiva, como Lygia Clark, por exemplo, nos anos 60 em seu texto “A propósito da Magia do objeto”:

Talvez o homem não tenha perdido essa expressividade em sua relação com o trabalho – ao ponto de tornar-se totalmente estranho a ele – que para melhor redescobrir hoje seu próprio gesto revestido de uma nova significação. Para que tal mudança ocorra na arte contemporânea, é necessário algo mais do que simplesmente a manipulação e participação do espectador. É necessário que a obra não conte por ela mesma e que seja um simples trampolim para a liberdade do espectador-autor. Esse tomará consciência através da proposição que lhe é oferecida pelo artista. (CLARK, 1965, p.2).

Desse modo, se faz relevante para a licenciatura em Artes Visuais que se aprofundem questões sobre a construção da percepção durante o processo de formação, as formas de “provocar” uma experiência estética, como o fruidor se relaciona com o que experimenta, se há geração ou não de experiência estética por meio da Arte. O curso de Artes Visuais Licenciatura da UFPel apresenta como estrutura curricular 82% da carga horária em disciplinas obrigatórias e 18% daquilo que se denomina de formação livre e em atividades complementares. Desse modo, constatou-se que muitos alunos poderiam optar em sua formação livre por participar de aulas em outros cursos, incluindo o Bacharelado em Artes Visuais, tendo mais experiências com criação artística e/ou mediação. Porém, durante as escolhas para formação livre, muitas vezes surgem inquietações quanto ao tipo de perfil profissional que o acadêmico buscará ser como futuro professor de Artes Visuais. Sendo esta a possibilidade de diferenciação de seu currículo pensando já no campo profissional que queira seguir. Mas será que os alunos compreendem esta perspectiva profissional futura? Será que eles constroem essa consciência durante as escolhas no curso?

Nas Diretrizes Curriculares, é apontado que “através da aquisição de conhecimentos específicos de metodologias de ensino na área, o licenciado acione um processo multiplicador ao exercício de sensibilidade artística”, desse modo, o que se propõe é que o licenciado, ao exercitar sua sensibilidade de criação artística, possa também ser capaz de provocar experiência estética. Não há distinção quanto

aos papéis de artista e educador em artes, é salientado que ambos têm formação qualificada para exercer atividade em áreas “para-artísticas”.

Dentre os aspectos levantados para “Competências e habilidades”, as Diretrizes (2008) apontam para que o profissional possa “V – estimular criações visuais e sua divulgação como manifestação do potencial artístico, objetivando o aprimoramento da sensibilidade estética dos diversos atores sociais.” (Diretrizes Curriculares Nacionais dos Cursos de Graduação, 2008, p.5). A experiência estética, nesta abordagem, é a partir da própria criação como potencial artístico e como forma de proporcionar a fruição.

Ao analisar o Projeto Político Pedagógico que rege o curso de Artes Visuais Licenciatura da Universidade Federal de Pelotas, reconhecido como Licenciatura Plena pelo Decreto nº 81.606 de 27/04/1978, percebe-se que as mudanças propostas envolvem discussões sobre “[...] o papel do Ensino da Arte na atualidade e da formação de professores no Centro de Artes, tendo como início o primeiro semestre de 2010.” (UFPEL, 2011, p.1). No projeto, é citado Keneth Zeichner (2007), para o qual a formação de professores “[...] aponta para o professor como um prático reflexivo, um agente ativo responsável por seu desempenho docente, um produtor do seu saber teórico, prático e teórico-prático. [...] saber e fazer artístico.” (UFPEL, 2011, p.3). Desse modo, compreende-se que o professor não só tem em sua formação a fonte teórica de aprendizagem, mas também uma prática que envolve o saber e fazer artístico, voltando-se para o aspecto de integralidade do perfil profissional. Assim, a formação curricular que o acadêmico se propõe reflete diretamente em sua prática como professor. A articulação entre as experiências que são possibilitadas pelo Curso superior, sejam de fruição, criação ou mesmo no processo de ensino, acabam fundamentando a forma como a Arte é compreendida nas escolas e espaços educativos não-formais. A constituição profissional é formada também pelas 200 horas livres que estão no currículo do curso, e que podem ser realizadas em diferentes cursos da UFPEL, pois as experiências do acadêmico diversificam os parâmetros que o guiam na elaboração das aulas. Ao final do documento, é re-presentada a noção de integração do perfil partindo dos três pontos que interpreto como fundamentais neste processo de formação do professor de Artes: artista, fruidor e professor-mediador, como se pode observar: “Coloca o professor como mediador do conhecimento e o professor-artista como agente de construção do saber e do fazer artístico” (UFPEL, 2011, p.31). Dentre os aspectos apontados no Projeto, salienta-se que o professor também é formado como um “[...] apreciador de arte, capaz de fruição estética no que a ela se refere, em geral, e às Artes Visuais em especial, com uma formação cultural e humanística, sensível a todas as formas de manifestação artística” (UFPEL, 2011, p.14). O objetivo de definir o papel

do professor que é formado com essas bases é gerar um profissional consciente das finalidades do ensino da arte e da arte como educação, capaz de pensar sua unicidade com a sociedade e os meios que são fundamentais para a efetivação do ensino. É possível traçar paralelos entre as Diretrizes Curriculares Nacionais dos Cursos de Graduação e o Projeto Político Pedagógico do Curso de Artes Visuais – Modalidade Licenciatura, da UFPel, quanto aos parâmetros definidos para o perfil integrado do professor de Artes Visuais que está em formação.

A validade do assunto está na compreensão de uma possibilidade para construção de um perfil docente que vivencie a experiência estética de modo intrínseco na sua formação e que possa compartilhar este no ensino nas escolas.

### DESAFIOS PARA FORMAÇÃO DE UM PERFIL INTEGRADO DO DOCENTE EM ARTES VISUAIS

Com os estudos relacionados às Diretrizes Curriculares Nacionais e ao Projeto Político Pedagógico do Curso de Artes Visuais Licenciatura, constatou-se um forte vínculo com as questões de formação integrada num perfil que engloba a experiência estética nos aspectos da mediação/ensino, criação de poéticas visuais e fruição como uma possibilidade de construção que preza pela subjetividade do licenciando. Além disso, foi possível notar nos depoimentos dos professores relacionados à coordenação e acompanhamento da reformulação curricular vigente a partir de 2012, que compreenderam essa possibilidade de formação como um ponto iminente nas concepções relacionadas ao Ensino das Artes Visuais na atualidade. Através das análises dos depoimentos dos acadêmicos da turma que iniciou em 2012 e finalizou a graduação em 2015, notou-se em grande parte certa dificuldade na compreensão de questões vinculadas à própria formação que tiveram no curso. Na maioria, os entrevistados demonstraram dificuldades em assimilar o conceito de “experiência estética”. Apresentaram equívocos na compreensão de alguns conceitos específicos do campo das artes como o termo “fruição” e “formação estética”. Além disso, se fez muito presente nas falas dos acadêmicos o fato de apresentarem dificuldades em desenvolver um trabalho prático artístico, incluindo como motivos excesso teórico e pouco tempo.

A formação integrada prevê que o sujeito se compreenda como um profissional responsável pelo contexto em que vive, colaborando para que a reflexão e a percepção se desenvolvam, e se possa ressignificar o processo de cidadania. A Arte como potência de sensibilização, de criação e expressão afasta o sujeito do processo de alienação frente à realidade e proporciona indivíduos despertos para o

contexto ao seu redor. Quanto à compreensão de um sujeito integrado, destaca-se que tanto nos documentos quanto nas entrevistas foi notável a presença desta concepção. Os acadêmicos em grande parte assimilaram essa concepção de formação profissional e salientaram que no próprio curso se buscou em muitos momentos trazer essa visão. Mas alguns acharam que isto deveria ter sido mais abordado e de modo mais enfático. Isto também foi apontado nas repostas obtidas com o grupo docente entrevistado, que reafirmou compreender essa formação integral do professor de Artes Visuais, mas destacaram que o curso parte desses aspectos relacionados a uma formação autônoma em que cada acadêmico deve buscar aquilo que considera como relevante para si futuramente no seu campo profissional.

Dentre os pontos que se percebem necessários para melhor compreensão dos acadêmicos frente a sua formação, é de suma importância que o grupo discente tenha maior acessibilidade aos documentos que regem o curso. O Curso tem uma base bem fundamentada sobre as mudanças nas concepções do Ensino da Arte e sobre o perfil profissional que se pretende formar, assim possibilitando uma formação subjetiva e autônoma. Quanto ao aspecto da fruição, o vínculo com o próprio espaço acadêmico do Centro de Artes acabou passando despercebido pelos alunos, notando-se desse modo que grande parte dos discentes estabeleceu poucas experiências de fruição e nem mesmo a Galeria que fica no prédio onde estudam chegou a ser explorada devidamente. Outro ponto que pareceu desconsiderado na formação do licenciado foram discussões mais aprofundadas sobre o objeto de estudo e trabalho do professor de Artes Visuais, do que realmente significa a experiência estética, percebendo-se a dificuldade dos alunos em definir e compreender até aspecto mais prático o conceito.

Torna-se evidente, por meio das análises, que as mudanças que se deram na reformulação curricular do Curso relacionam-se com as transformações na compreensão do Ensino da Arte da atualidade. Aspecto muito presente nesta reformulação foi à concepção de um sujeito autônomo que pudesse definir melhor seu perfil profissional.

## CONCLUSÃO

A formação docente nas artes, que englobe a experiência estética nos aspectos da mediação provocadora no ensino, criação ou produção de poéticas em aula e fruição como uma possibilidade de constituição de uma percepção mais ampliada e sensível da subjetividade do licenciando em artes, é algo que pode qualificar este ensino. Esta formação em uma pedagogia da sensibilidade contempla um sujeito

que se compreenda como um profissional responsável pelo contexto em que vive, colaborando para que a reflexão e a percepção se desenvolvam, e se possa ressignificar o processo de cidadania. A Arte como potência de sensibilização, de criação e expressão afasta o sujeito do processo de alienação frente à realidade e proporcionaliza indivíduos despertos para o contexto ao seu redor. Destaca-se que o curso de Artes Visuais da UFPel parte desses aspectos relacionados a uma formação autônoma, em que cada acadêmico deve buscar aquilo que considera como relevante para si futuramente no seu campo profissional.

Para que se efetive a experiência estética presente na formação do licenciado, conclui-se que, além de se potencializar esse aspecto, tanto no currículo como em vivências cotidianas em sala de aula, é de fundamental importância, por parte dos acadêmicos, uma reflexão maior sobre o que buscam no curso e sobre o que pensam em relação ao Ensino das Artes Visuais na atualidade. Sendo assim, esses futuros profissionais poderão levar a prática da experiência estética como uma vivência do perceber-se no mundo, tornando-se capazes de desconstruir realidades e pela Arte construir novas percepções para as demandas atuais.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARBOSA, Ana Mae. *A Imagem no ensino da arte: anos 1980 e os novos tempos*. São Paulo: Perspectiva, 2009.
- CLARK, Lygia. *A propósito da magia do objeto*. Associação Cultural O Mundo de Lygia Clark. Disponível em: <<http://zip.net/btrwrX>>. Acesso em 29.03.2015.
- DEWEY, John. *El arte como experiencia*. Ciudad de México: Fondo de Cultura Económica, 1949.
- DUFRENNE, Mikel. *Estética e Filosofia*. Trad. Roberto Figurelli. 3ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2008.
- ECO, Umberto. *Obra aberta: forma e indeterminação nas poéticas contemporâneas*. Trad. Giovanni Cutolo. 10ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2005.
- HERMANN, Nadjá Mara Amilíbia. *Autocriação e horizonte comum: ensaios sobre educação ético-estética*. Ijuí: Ed. Unijuí, 2010.
- KANT, Immanuel. *Crítica da Faculdade do Juízo*. Trad. Valério Rohden e Antônio Marques. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1983.
- LADDAGA, Reinaldo. *Estética da emergência: a formação de outra cultura das Artes*. Trad. Magda Lopes. São Paulo: Martins Fontes, 2012.
- LARROSA, Jorge. *Linguagem e educação depois de Babel*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.
- MEIRA, Marly R.; PILLOTTO, Sílvia S. Duarte. *Arte, afeto e educação: a sensibilidade na ação pedagógica*. Porto Alegre: Mediação, 2010.

- MERLEAU-PONTY, Maurice. *O visível e o invisível*. Trad. Armando Mora D'Oliveira e José Arthur Gianotti. São Paulo: Perspectiva, 1992.
- \_\_\_\_\_. *O primado da percepção e suas consequências filosóficas*. Trad. Constança Marcondes Cesar. Campinas: Papirus Editora, 1990.
- \_\_\_\_\_. *Fenomenologia da Percepção*. Trad. Carlos Alberto Ribeiro de Moura. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- \_\_\_\_\_. O Olho e o Espírito. In: \_\_\_\_\_. *Textos Seleccionados*. Tradução e notas Marilena de Souza Chauí e Pedro de Souza Moraes. São Paulo: Nova Cultural, 1989, p. 121– 160.
- OITICICA, Hélio. *Aspiro ao grande labirinto*. Rio de Janeiro: Rocco, 1986.
- PEREIRA, Marcos Villela. O Limiar da experiência estética: contribuições para pensar um percurso de subjetivação. In: *Revista Proposições*, Campinas, v. 13, n.1 (67), p. 183-195, jan. /abr.2012.
- PERISSÉ, Gabriel. *Estética & Educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.
- RANCIÈRE, Jacques. *O espectador emancipado*. Trad. Ivone C. Benedetti. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012.
- SILVA, Ursula Rosa da. *A Infância do Sentido: ensino de filosofia e racionalidade estética em Merleau-Ponty*. Pelotas: Editora e Gráfica da UFPel, v. 1, 2011.
- \_\_\_\_\_. Cultura Visual, Estética e percepção. In: MARTINS, Raimundo; MARTINS, Alice Fátima (Orgs.). *Cultura Visual e ensino de arte: concepções e práticas em diálogos*. Pelotas: ED. UFPel, 2014, p. 206.
- SCHILLER, Friedrich. *Cartas sobre a educação estética da humanidade*. Trad. Roberto Schwartz. São Paulo: Herder, 1963.

*Recebido em 26.09.2016*

*Aceito em 14.03.2017*